



Dálcio Ribeiro de Mendonça

DF-Brasília
042
Reportagem 0012

Espaço para desenvolver a religiosidade

Arquivo pessoal



DÁLIO COM A FAMÍLIA EM FRENTE AO PALÁCIO DA ALVORADA, EM 1962

BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

A vida no Rio de Janeiro em março de 1960 era difícil. O trânsito congestionado e o baixo salário tornavam as idas e vindas de Dálcio Ribeiro de Mendonça à agência central do Banco do Brasil desgastantes. Nos corredores do banco, como em todas as rodas de bate-papo da cidade, falava-se muito da inauguração de Brasília, que se aproximava. A maioria criticava a transferência da capital para o Centro-Oeste e não apostava na concretização do projeto de Juscelino Kubitschek.

Num dia de trabalho como outro qualquer, Dálcio deparou-se com uma lista em que a gerência do banco registrava os nomes dos voluntários para integrar o quadro de funcionários da agência sede no novo Distrito Federal. Sem imaginar como seria o cotidiano em uma cidade que acabara de nascer, candidatou-se a uma das vagas.

Pouco tempo depois, o funcionário era chamado ao gabinete do gerente geral da agência carioca, um homem rude e temido por todos os funcionários. "Me assustei com a convocação, nem pensava que aquilo teria algo a ver com Brasília", conta. No gabinete do chefe, surpresa ainda maior. Dálcio havia sido o único a se oferecer como voluntário para a equipe de funcionários do banco na nova capital.

Impressionado com o fato, o gerente ofereceu-lhe a oportunidade de conhecer a cidade no mesmo dia. "Um membro da tesouraria viria para cá em um avião às 14h para trazer numerário para a agência da Cidade Livre e eu viria com ele", conta. "Quando vi a cidade de cima, me espantei, era só mato", afirma.

Em solo firme, os dois se dirigiram à Cidade Livre para a conclusão do serviço. "Parecia um faroeste americano, tudo de madeira, homens de bota e chapéu nas ruas e muita poeira", descreve. No Plano Piloto, a imagem não era menos assustado-

ra. A cidade estava toda por construir, apenas algumas quadras com edifícios concluídos e muitas obras em andamento. No Setor Bancário Sul, onde seria seu futuro local de trabalho, o edifício sede do banco ainda estava no chão, com poucos andares construídos.

Mas a decisão estava tomada. "Quando ele me perguntou se eu queria vir para cá, comecei a chorar", recorda-se a esposa, Maria Nely Lima Mendonça. As oportunidades de ganho financeiro na nova capital, entretanto, seriam melhores e Dálcio teria maiores chances de crescimento profissional.

Meia dobradinha

Os funcionários públicos federais recebiam, como forma de incentivo para se candidatarem à mudança para cá, um salário a mais equivalente ao que recebiam. Era a chamada dobradinha. No Banco do Brasil, frente à mesma dificuldade de conseguir voluntários para a transferência, os funcionários que aceitassem vir para Brasília passariam a ganhar a metade a mais do salário que recebiam, era a meia dobradinha.

Assim, Dálcio desembarcou de mudança definitiva para o novo Distrito Federal, em 17 de abril de 1960, já com um aumento significativo de salário. Faltavam quatro dias para a inauguração da capital. A cidade estava repleta de visitantes, de todos os estados, curiosos e com vontade de participar do cumprimento da promessa de JK. As casas que já existiam na cidade ofereciam vagas para hospedar os forasteiros.

Nos quatro dias antes da inauguração, o trabalho do pioneiro ainda não havia começado. Para passar o tempo, jogava futebol, passeava pela avenida W3 Sul e ia às sessões de cinema das lâminas do Banco do Brasil, que ficavam na 303 Sul, onde seria sua nova residência até a vinda da família. As lâminas consistiam em 14 casas de madeira com quarto e sala. Cada casa abrigava dois funcionários. Além dos cômodos, as lâminas

contavam com cantina para as refeições, sala de jogos e cinema, onde todo dia havia projeção de filmes.

No dia da inauguração, reunidos na área externa das lâminas, Dálcio e outros funcionários do banco puderam avistar a queima de fogos da Esplanada dos Ministérios. Emocionado, lembra-se de ter comentado em tom nostálgico como gostaria que a esposa e os filhos vissem aquele espetáculo. "Enquanto chorava de emoção, meus companheiros zombavam da minha reação, sempre em clima de camaradagem", revela.

Adaptação

O primeiro ano em Brasília foi um período de adaptação à nova realidade. O edifício sede do Banco do Brasil foi construído rapidamente, mas no dia de sua inauguração, no mesmo dia da inauguração de Brasília, contava apenas com cinco andares concluídos. Os funcionários iam se acomodando nos espaços que já estavam terminados.

Dálcio, por exemplo, trabalhava como escriturário contador na sobreloja do prédio, onde também funcionava o refeitório em que os funcionários almoçavam e jantavam. "Tomávamos café na cantina das lâminas e as outras refeições fazíamos no próprio banco, porque a carga de trabalho era grande, não tínhamos hora para sair", diz.

O funcionário do Banco do Brasil foi o único voluntário do Rio de Janeiro a vir trabalhar na nova capital. Aqui, foi um dos fundadores da Comunhão Espírita de Brasília



QUANDO RECEBEU O APARTAMENTO DO BANCO DO BRASIL, NA 114 SUL, DÁLIO TROUXE A FAMÍLIA E NUNCA MAIS SAIU DA CIDADE

Os serviços executados pelos bancários, frente ao clima de improvisação que reinou nos primeiros anos da nova capital, muitas vezes ultrapassavam às funções para as quais estavam destinados. "Lembro-me de carregar caixas de materiais para equipar alguns departamentos do edifício sede", conta. Em compensação, toda hora extra trabalhada era bem remunerada.

Outros privilégios concedidos aos primeiros funcionários do banco em Brasília eram visitar suas famílias no local de origem a cada 15 dias e a oportunidade de escolher os imóveis onde morariam, assim que ficassem prontos, em 1961.

Dálio diz que foi o primeiro a escolher o apartamento do Banco do Brasil na cidade. Optou por um imóvel de 250 metros quadrados, com quatro quartos, na 114 Sul. No início, pagava uma taxa mensal de ocupação e, mais tarde, pôde comprar o apartamento.

Com a nova residência, a família pôde acompanhá-lo. "Das primeiras impressões da cidade, me lembro de ficar impressionada com as valas abertas no eixo norte, que ainda estava em construção", recorda-se Nely.

Dálio não pensava em voltar para o Rio de Janeiro, sentia-se cada vez mais realizado no Plano Central. Da Cidade Maravilhosa, só sentia falta da ida ao Maracanã, onde por muitos anos teve uma cadeira cativa, presente de um tio deputado ao fã incondicional do Fluminense.

Comunhão Espírita

O encontro do pioneiro com o espiritismo de Alan Kardec aconteceu em Aracaju, sua cidade natal, em 1947. Naquele ano,

“TOMÁVAMOS CAFÉ NA CANTINA DAS LÂMINAS E AS OUTRAS REFEIÇÕES FAZÍAMOS NO PRÓPRIO BANCO, PORQUE A CARGA DE TRABALHO ERA GRANDE, NÃO TÍNHAMOS HORA PARA SAIR

dois espíritas baianos, Abel Mendonça e Divaldo Pereira Franco, estiveram na capital sergipana a fim de fundar uma mocidade seguidora da doutrina espírita. Dálio foi um dos integrantes deste grupo de jovens.

Em Brasília, o funcionário do Banco do Brasil descobriu, em 1961, onde poderia exercer sua religião, passando a frequentar o Centro Espírita Sebastião, O Mártir, na Cidade Livre. Em pouco tempo, entretanto, Dálio teve a idéia de convidar alguns amigos que comungavam da mesma fé para reunirem-se no Plano Piloto e formarem uma instituição voltada para o desenvolvimento dos estudos doutrinários e a realização de atividades beneficentes.

Junto com Benoni Baptista Braga, Jayme Miranda, Roberto Beck e Francisco Leitão, passou então a reunir-se na 712 Sul, na casa de Braga. Já na primeira reunião, em 8 de janeiro de 1961, o grupo decidiu formar a Comunhão Espírita de Brasília. Dálio foi o responsável pela redação do estatuto da instituição, usando como modelo o Estatuto da

Federação Espírita Brasileira (FEB). O sergipano também foi eleito para ser o primeiro presidente da Comunhão, mandato exercido por um ano e meio.

Depois de oito reuniões na 712 Sul, o grupo transferiu os encontros para o primeiro andar da loja de um novo membro, Mário Carvalho, dono da Casa do Barata, na 506 Sul. Ali, a Comunhão deu início à venda de livros espíritas, socorro domiciliar após as sessões e caravanas às cidades-satélites para ajudar as famílias mais carentes.

Em 1962, o crescimento da doutrina espírita em Brasília foi tão grande que a Comunhão passou a contar com uma coluna permanente no jornal **Correio Braziliense**, na qual Dálio escrevia, e um programa de cinco minutos semanais na TV Brasília dos Diários Associados.

Com o crescimento do grupo a cada ano, a Comunhão Espírita conseguiu pleitear um terreno junto à Novacap, localizado na L2 Sul, onde foi construída a sede em que até hoje a comunidade espírita kardecista de Brasília desenvolve seus trabalhos.

Raio X

Nome: Dálio Ribeiro de Mendonça
Origem: Aracaju, Sergipe
Idade: 75 anos
Profissão: Funcionário público aposentado
Ano de chegada a Brasília: 1960
Esposa: Maria Nely Lima Mendonça
Filhos: Nelda, Luiz hamilton, Elizabeth, Rosa Maria, Célio, Scheila, Dálio Filho
Netos: Leila, Gustavo, Gabriel, Laura, Luiz Henrique, Mariana, Luiz Gustavo, Pedro Henrique, Lucas, Henrique, Guilherme, Luciana, Luiz César, Luiza, Rafael, Fernanda, Igor, Dálio Neto, Adrise
Bisneto: Luiz Felipe

